



SUBJETIVIDADES EM TORNO DO PROFESSOR E DO ALUNO:

reflexões a partir de Paulo Freire

Jonas da Silva MELO (UFGD)*

RESUMO: As obras de Paulo Freire manifestam em palavras os anseios de muitos educadores críticos. Esse fenômeno de identificação com o pensamento freiriano, agora centenário, possibilita encontros demasiadamente férteis para a produção de conhecimento na pedagogia crítica. Na análise da obra *Pedagogia da Autonomia*, buscando refletir sobre a perspectiva de Freire sobre a relação professor-aluno, encontramos com pensamento de Jacques Rancière, tendo como articulação apresentada por Walter Kohan o princípio de igualdade em que se baseia essa relação. Esse trabalho, resultado parcial de uma outra pesquisa, buscou subsidiar as subjetividades que surgem ao se pensar os papéis assumidos pelo professor e pelo aluno ao engajarem na educação dialógica proposta por Paulo Freire.

Palavras-chave: Relação professor-aluno. Subjetividade. Pedagogia da Autonomia.

Introdução

“A humildade exprime, pelo contrário, uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém.” (FREIRE, 2020, p. 118-119). O termo humildade representa, para Paulo Freire, um sentimento absoluto para a relação do professor para com o aluno. Esse valor, muitíssimo importante para a religião professada por Paulo Freire, pode resumir um tanto da intenção desse trabalho, que é analisar a visão freiriana da relação educador-educando com ajuda de alguns outros pensadores.

Humildade, sentimento para consigo mesmo e para com o outro. Para consigo mesmo no sentido de estar ciente de que há limites que lhe são intrínsecos. E para com o outro no sentido de que o que se é não é mais do que pode ser o outro. Humildade para Paulo Freire no sentido da modéstia, não da submissão. No sentido da simplicidade, não da penúria. É antes de tudo, o reconhecimento da relação de igualdade.

Na biografia filosófica de Walter Kohan sobre Paulo Freire, igualdade é encontrada com um dos cinco princípios, ou melhor, “natalidades” das formas de se “pensar e viver filosoficamente as relações entre política e educação” (KOHAN, 2019,

* Acadêmico de graduação em Pedagogia na UFGD (jnsmelo12@gmail.com).



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

p. 29). Uma forma de pensar a obra de Paulo Freire, e mais especificamente a relação educador-educando. A igualdade na relação pedagógica enquanto princípio educacional.

“Ninguém é superior a ninguém” é uma das frases refletidas por Walter Kohan (2019), que em suas palavras, traduz-se na ideia de há essencialmente na relação pedagógica um estado de igualdade entre o professor e o aluno. A partir desse pensamento, podemos, assim como fez Kohan, produzir um tanto de reflexões que nos permitam refletir as subjetividades do professor e do aluno, ou seja, os modos de ser de quem se dispõe a educar e quem se dispõe a aprender. Subjetividade aqui entendida como o modo de ser do sujeito que se constitui a partir da aceitação/incorporação de um discurso verdadeiro sobre si mesmo (FOUCAULT, 2010). Aqui, portanto, os discursos freirianos sobre o que seria “saberes necessários à prática educativa” do professor progressista.

Walter Kohan traz o conceito de igualdade para pensar a obra e a vida de Paulo Freire, comparando sua concepção no pensamento do pedagogo brasileiro com a concepção de outro pedagogo, mas francês, Jacob Jacotot. Ao fazer como tal, Kohan nos possibilita perguntar “o que precisa saber um educador ou uma educadora para que possa ensinar alguém?”. A comparação é fértil para a pergunta porque a resposta dos dois pedagogos pode não ser a mesma, ou até mesmo serem convergentes.

E o saber tem sido tratado como extremamente constituinte do processo de subjetivação de quem assume o papel de ensinar alguém. Principalmente na relação que Paulo Freire aborda como “transmissão do conhecimento”, ou seja, o mestre, detentor do saber acumulado toma para si discípulos que serão aprendizes desse conhecimento. Lógico; para Paulo Freire essa relação além de ser problemática era falaciosa. “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2020, p. 47). Mas até mesmo para a produção ou construção do conhecimento, podemos perguntar, que saberes são necessários?

É necessário que o professor tenha domínio sobre o conhecimento que se propõe a ensinar? Quando o professor se propõe a ensinar um conhecimento, já sabe de antemão, portanto, o conhecimento ao qual seu aluno deve aprender? A pergunta, da forma que construí, pode parecer um tanto retórica se trocarmos “ensinar” por “transmitir” e “aprender” por “adquirir”.



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

Tratando sobre a questão da emancipação, Kohan (2019, p. 98) faz a seguinte pergunta: "quem educa já sabe a consciência que um educando deve alcançar?" E responde em seguida: "Se a resposta a essa pergunta for afirmativa o valor e os sentidos da emancipação ficam afetados." Se formos pela negativa, evidente a pergunta que nos resta, e que deve sempre ser feita por fazer parte do processo pela qual nos tornamos os educadores que queremos ser, é: para que serve o professor?

Parece besta para nós, e perigosa até com o nível de conservadorismo que a sociedade brasileira tem vivido. Mas a pergunta está aí, constantemente, e tem sido constantemente respondida; aqui nesse trabalho tanto por Paulo Freire quanto por Jacques Rancière. A pergunta produz, nesse caso, a subjetividade para a qual queremos pensar sobre.

Produções a partir de Pedagogia da Autonomia

Começando por Paulo Freire, de acordo com sua Pedagogia da Autonomia (2020) e de forma arriscadamente resumida, o professor é aquele que conduz o educando para sua emancipação, fazendo da sua curiosidade ingênua em relação ao mundo em que vive uma curiosidade epistemológica. Aprender é, portanto, submeter a sua curiosidade sobre o mundo e as pessoas ao método científico que lhe proporcione um saber. É nesse sentido que se insere a construção do conhecimento, e não a sua transmissão, porque produzir um conhecimento, no modernismo que ainda vivemos, requer um método científico para que seja validado. Transmitir um conhecimento não requer experiência científica, não requer constatação, requer aceitação, compreensão.

Rancière (2020), da mesma forma, acredita que a função do professor gira em torno da emancipação dos seus alunos, apesar de se tratar de uma emancipação exclusivamente intelectual e não social como em Paulo Freire.

O que pode, essencialmente, um emancipado é ser emancipador: fornecer, não a chave do saber, mas a consciência daquilo que se pode uma inteligência, quando ela se considera como igual a qualquer outra e considera qualquer outra com igual a sua. (RANCIÈRE, 2020, p. 64)

É preciso ser emancipado para emancipar alguém. E a partir disso já podemos afirmar que os professores, em sua formação, precisam passar por um processo de formação que altere, senão seu modo de ser, ao menos seu modo de pensar. Para



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

Rancière (2020), emancipado é aquele que é capaz de perceber igualdade na capacidade intelectual de qualquer ser humano. Todo e qualquer homem e mulher tem a mesma potência intelectual, que é a de pensar sobre o trabalho que faz.

Rancière (2020) diz que tal forma de pensar não é necessariamente um fato científico, mas uma posição política requerida para poder ensinar. É necessário que tome para si a percepção de igualdade entre os seres humanos, para, só assim, ser capaz de ensinar alguém. "Uma educação política parte do princípio de que todas as vidas valem igualmente e são igualmente capazes de colocar em questão a vida individual e social" (KOHAN, 2019, p. 81).

Essa afirmação política adentra o espectro da coerência defendida por Paulo Freire para um professor que se diz progressista. A *coerência* na prática docente do professor progressista reflete uma tentativa de sistematização de princípios em acordo com o *status* de educador emancipado. O alinhamento da prática docente com tais princípios é o que possibilita considerar uma pedagogia como coerentemente progressista.

Pensar certo é o termo utilizado por Paulo Freire que se vincula constantemente com a coerência do educador. Pensar certo significa não apenas submeter a inteligibilidade humana ao julgo da ciência, mas submeter a ciência ao julgo da humanidade. Humanidade que, ao ver de Paulo Freire, se encontra em constante inacabamento, portanto, em constante construção. Disso, conseqüentemente, é que o *pensar certo* requer a humildade de quem se reconhece um ser inacabado e o diálogo de quem se propõe a construir um conhecimento em sociedade. Ensinar a pensar não diante do pragmatismo neoliberal, mas em busca da superação das condições de opressão.

Desta forma, *pensar certo* e ser coerente com a sua condição de ser emancipado traduz-se, para além de uma teoria progressista, uma prática.

Neste sentido é que ensinar a pensar certo não é uma experiência em que ele – o pensar certo – é tomado em si mesmo e dele se fala ou uma prática que puramente se descreve, mas algo que se faz e que se vive enquanto dele se fala com a força do testemunho. (FREIRE, 2020, p. 38)

Na perspectiva freiriana, o testemunho do pensar certo assume uma posição central na prática docente. "Esse esforço, o de diminuir a distância entre o discurso e a prática, é já uma dessas virtudes indispensáveis – a da coerência" (FREIRE, 2020, p. 63). É somente ao assumir para si o modo de ser coerente com a perspectiva crítica



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

ao qual se insere enquanto professor progressista é que estará dando testemunho do ensina.

Geralmente, a famosa frase sobre diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz é trazida como um dilema para a docência. Fácil na teoria, difícil na prática. No entanto, a prática docente crítica é reflexo do professor que se submete antes à experiência formadora em que se encontra como sujeito do conhecimento a ser construído (FREIRE, 2020). Ou seja, é na experiência de estudante que se forma o professor. Experiência essa que não deve ser uma força de embrutecimento, como diria Rancière, mas sim promover a curiosidade epistemológica no sujeito em formação.

O professor que, na sua formação, não passa pela experiência ativa da construção do conhecimento ao qual sustentará a sua prática docente, indubitavelmente reproduzirá uma prática mecanicista, "repetidor cadenciado de frases e de ideias inertes" (FREIRE, 2020, p. 29).

É possível traçar paralelos à proposta de Paulo Freire aqui apresentada com a ideia do *Mestre Ignorante* de Rancière, com base no pensamento de Joseph Jacotot. O ponto chave de ambas as reflexões é a centralização do processo de construção de conhecimento na prática do ensino-aprendizagem. Ou seja, o reconhecimento de que a prática de ensinar e de aprender é um processo de produção/construção de conhecimento.

A partir dessa primeira constatação, ambos os autores diferirem quanto ao método da construção do conhecimento, onde o primeiro remete ao saber científico ao qual o professor emancipado já tem domínio, e o segundo apresenta o método que é produzido pelo próprio aluno ao se deparar com o objeto de pesquisa. (FREIRE, 2020; RANCIÈRE, 2020)

Apesar disso, em uma análise ainda superficial, pode-se afirmar que a experiência da relação professor-aluno que se coloca é essencialmente democrática. É o testemunho da constante produção do conhecimento e do próprio ser enquanto sujeito desse conhecimento é que o professor possibilita a aprendizagem do aluno que busca colocar-se no movimento testemunhado.

"Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo" (FREIRE, 2020, p. 28).



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

Ao inserir o educando como sujeito no processo educativo, o autor defende um movimento dialógico na relação docente-discente, em contraposição a dicotomia diretismo-não diretismo. Ao tempo em que se esforça para compilar uma *Pedagogia da Autonomia*, ele aponta para a complexidade no desenvolvimento do ser político. A pressuposta não diretividade na construção do ser autônomo é criticada por Freire, da mesma forma que sua concepção político-pedagógica da prática do ensino defende a promoção da liberdade do educando como essencial no processo de aprendizagem.

A autoridade coerentemente democrática, fundando-se na certeza da importância, quer de si mesma, quer da liberdade dos educandos para a construção de um clima de real disciplina, jamais minimiza a liberdade. Pelo contrário, aposta nela. Empenha-se em desafiá-la sempre e sempre; jamais vê, na rebeldia da liberdade, um sinal de deterioração da ordem. (FREIRE, 2020, p. 90-91)

Essa relação autoridade-liberdade é tratada por Paulo Freire como um dilema no cenário educacional, principalmente por seu equívoco vínculo com práticas autoritárias ou licenciosas.

O autoritarismo e a licenciosidade são rupturas do equilíbrio tenso entre autoridade e liberdade. O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade e a licenciosidade, a ruptura em favor da liberdade contra a autoridade. Autoritarismo e licenciosidade são formas indisciplinadas de comportamento que negam o que venho chamando a vocação ontológica do ser humano. (FREIRE, 2020, p. 86)

Assim sendo, Paulo Freire entende a disciplina como o equilíbrio entre autoridade e liberdade, onde a autoridade do educador é reconhecida através do respeito à liberdade do educando. A tensão entre essas forças é que define o clima político-pedagógico escolar enquanto um espaço realmente democrático. "O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico" (FREIRE, 2020, p. 90).

Considerações Finais

Autenticidade, coerência, testemunho e transparência são alguns dos termos usados por Paulo Freire para defender um ato de ensinar que transborde a humildade do professor que se reconhece enquanto um ser em construção tanto quanto o seu



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE
Intersecção entre universidade e escola
"Paulo Freire: contribuições
para a educação pública"

aluno. Dessa forma, profetiza assim sua educação dialógica, onde ambos se colocam em permanente movimento de vir a ser.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

KOHAN, W. **Paulo Freire, mais do que nunca**: uma biografia filosófica. 63. ed. Belo Horizonte, MG: Vestígio, 2019.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020.